

Autismo - Explicando o Enigma.

Autism ? Explaining the Enigma.

Frith, Uta. *Autism: explaining the enigma. (Cognitive Development). Cambridge. Oxford, Inglaterra, 1989.*

Uta Frith

Resumido por Rebeca Costa e Silva

Capítulo 1 - O que é Autismo?

No primeiro capítulo Frith explica que o Autismo é um transtorno do desenvolvimento, e Frith enfatizou desenvolvimento, pois por ser diagnosticado muitas das vezes na infância, o Autismo é equivocadamente chamado de transtorno infantil, porém há adolescentes e adultos com autismo. Depois tem as primeiras publicações sobre o transtorno, de Leo Kanner e Hans Asperger, e que nessas publicações tem descrições feitas a partir de suas observações e também as primeiras aproximações teóricas sobre o Autismo. Kanner enfatizava duas características principais: *solidão autista* e *insistência obsessiva em repetição* e ambos perceberam distúrbios no contato e interação social e comunicação, estereotípias e também habilidades especiais em situações específicas. Mais adiante Frith fala sobre como Asperger enfatizava a questão da adaptação e compensação presentes em seus pacientes conforme cresciam.

Capítulo 2 - Lições de um menino selvagem.

Aqui Frith apresenta Victor, o menino selvagem de Aveyron, e Kasper Hauser. Victor, conforme explica Frith muito provavelmente tinha autismo por apresentar traços autistas, tais como: comprometimento na interação social, ausência de imaginação, e estereotípias. Já no caso de Kasper Hauser, Frith afirma que ele não tinha autismo por apresentar, por exemplo, senso comum, algo que não acontece com pessoas com autismo e também houve presença de boa comunicação e contato afetivo.

Capítulo 3 - Além do encantamento.

Frith faz uso de mitos nesse capítulo para facilitar (na medida do possível) a compreensão do Autismo. Como foi o caso dos *blessed fools of Russia* (tolos abençoados da Rússia) em que traços autistas eram interpretados pelo povo como traços de santidade e divindade. Outro mito, o do Irmão Juniper em que ocorreu a mesma má interpretação. Ela também faz um paralelo entre robôs altamente avançados a pessoas com autismo devido à ausência de relacionamentos sociais, compreensão literal, etc. Por fim, Frith também afirma que o Autismo não é fruto/resultado de maternidade ausente.

Capítulo 4 - Contexto sociocultural?

Esse capítulo, a meu ver, mostrou alguns parâmetros obtidos por meio do uso de estatística para mostrar ao menos um *esboço* do Autismo numa questão populacional. Falou sobre a Tríade de Comprometimentos (comunicação, interação social, e imaginação). Faz também distinção entre Autismo e Esquizofrenia. O Autismo afeta o desenvolvimento desde o nascimento enquanto a Esquizofrenia (na maioria das vezes) afeta pessoas adultas, adolescentes, e dificilmente crianças com menos de 15 anos de idade. E aí então, fala que Autismo e Esquizofrenia diferem-se tanto quanto alguém que nasce surdo ou cego e alguém que se torna surdo ou cego depois, respectivamente.

Capítulo 5 As raízes biológicas?

De modo geral Frith demonstra por meio de inúmeros aspectos mais uma vez a complexidade do Autismo, neste capítulo, as causas biológicas. Ela fala de danos neurológicos e cerebrais, disfunções fisiológicas (e.g., respiração, batimentos cardíacos), defeitos genéticos (fala das semelhanças e diferenças entre autismo e a síndrome do X frágil, etc.), casos de infecções virais e disfunções imunológicas, neurotransmissores e hormônios, etc. Todos eles relacionados de alguma forma em uma possível causa ou possíveis causas do Autismo.

Capítulo 6 - A inteligência de crianças com autismo.

Frith deixa bem claro neste capítulo quanto à inteligência, que pessoas com autismo, de modo geral vão muito bem em determinados aspectos dos testes do QI, e o contrário em outros aspectos, normalmente bem em aspectos que não requerem uso de comunicação e contexto, e o contrário quando requerem. Neste capítulo ela também apresenta a teoria da coerência central, que superficialmente falando, é um fraco desempenho de coerência central do pensamento, e por isso não consegue controlar direito processos periféricos. Ela usa a analogia de uma sede de água que não desemboca em oceanos, um rio que termina na areia. Por isso há o comprometimento em enxergar uma figura como um todo e não só um detalhe dessa figura. Ela diz que há uma indiferença em relação ao contexto, mas essa indiferença permite seu desempenho muita das vezes surpreendente no *Block Design Test*? (de forma simplista, seria um teste com blocos com figuras diferentes), por exemplo.

Capítulo 7 - Um mundo fragmentado.

Continuando o conceito da teoria da coerência central, Frith explica que esta é uma possível causa do fato que pessoas com autismo veem o mundo fragmentado. Ela faz uma análise por meio das estereotípias, dos rituais e das rotinas (segundo ela não há muita ênfase de pesquisa nesses sintomas do autismo) e elimina a hipótese que a falha na comunicação se dá por falta de atenção, deficiência nos sentidos, etc. Ela dá um exemplo em que crianças com autismo se dão bem com quebra-cabeça, mas pelo fato de unirem as partes do quebra-cabeça e desconsideram a imagem no quebra-cabeça, e montam um quebra-cabeça sem imagem com a mesma facilidade, e usa isso como metáfora quando diz que para a pessoa com autismo peças são simplesmente peças, e não peças de uma imagem, ou seja, informações que acumulam são simplesmente informações sem utilidade, ou interesse obsessivo por algo, no mesmo sentido.

Capítulo 8 - A dificuldade em conversar com os outros.

Frith enfatiza nesse capítulo que no Autismo há o uso inadequado da linguagem, muita das vezes, para comunicação, pois quanto ao uso da linguagem quanto a gramática e semântica muitos indivíduos com autismo o fazem corretamente. Diz que normalmente se fala algo com a intenção de se comunicar, e não é o caso no autismo onde a linguagem é usada como mera repetição (não generalizando). E mesmo no caso de pessoas com autismo muito habilidosas elas têm muita dificuldade com o que Frith chama de tonalidades, ou seja, mudanças sutis no significado de uma palavra, não entendem ironias, entre outros. Frases auto-explicativas e resumidas que ela deu foram (em relação a adultos com autismo): Ele fala como se fosse estrangeiro ou Ele entende tudo literalmente.

Capítulo 9 -A solidão de uma criança com autismo?.

Frith fala que o profundo comprometimento social do indivíduo com autismo não é completamente falta de *sensibilidade social*. Frith fala dos experimentos de Beate Hermelin e Neil O'Connor, que mostraram que crianças com autismo não evitam estímulos sociais. Também fala que a incapacidade de utilizar a linguagem dos olhares? na verdade é a incapacidade de conscientização das mentes dos outros, ou seja, o comprometimento na interação social é [ao menos em parte] a incapacidade de reconhecer outras mentes. Frith ainda diz que por não distinguir sua mente (ou estado mental) e dos outros, o indivíduo com autismo não vê necessidade em compartilhar pensamentos (ou estados mentais). Frith conclui nesse capítulo que os indivíduos com autismo têm comprometimento social pela falta e(ou) ausência de empatia, que é levar em conta o estado mental de outra pessoa, este estado sendo diferente de seu próprio estado mental levando em consideração também os sentimentos e emoções de outra pessoa (já pessoas com autismo mais habilidosas são capazes de simpatia, que é quando o estado mental da outra pessoa é igual ao seu ou que um estado mental que você já teve experiência).

Capítulo 10 - Pensando em mentes.

Frith começa o capítulo dando exemplo por meio da pintura da capa, como nós normalmente temos a compulsão de mentalizar, coisa que pessoas com autismo não sentem a necessidade de fazer, por uma provável ausência da teoria da mente. Reafirma que pessoas com autismo enxergam preto e branco e não tonalidades, em questão de compreensão. Apresenta mais um conceito da Teoria da Mente elaborado por Alan Leslie, em que mentalizar seria representações de representações, ou metarepresentações. Fala que a explicação mais coerente e consiste da Tríade de Comprometimentos são pelo fato de não haver uma coerência central.

Capítulo 11 - Uma mente literal.

Aqui Frith introduz um novo aspecto que é a questão da imprevisibilidade para a pessoa com autismo, coisas físicas são previsíveis, porém, estados de mente diferentes não são. Ela sugere que há uma disfunção em um aspecto de processos centrais, a busca pela coerência. Também esclarece o fato de que a *nossa* consciência dos comprometimentos do autismo vai nos ajudar a entendê-los melhor, assim como a consciência de outros comprometimentos: visuais, auditivos, deficientes físicos, disléxicos, etc. Frisa que pessoas com autismo em casos especiais procuram compensar seus comprometimentos, porém não deixam de ter autismo (Frith também lembra que há vários graus de Autismo). Ela fala que será necessário levar em conta os sintomas psicológicos do Autismo acima de qualquer esperança para uma cura biológica.